



**Discurso proferido na sessão de 26 de novembro de 1963,
publicado no DCD de 27 de novembro de 1963, página 9261.**

O SR. PADRE GODINHO (Lê o seguinte discurso) – Senhor Presidente, Senhores Deputados, foi como se uma luz se tivesse apagado, de repente, no mundo “Tenebrae factae sunt”.

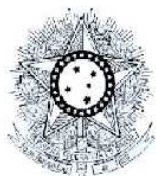
Foi como se uma noite de angústia e soturnos incubos tivesse baixado, repentinamente, sobre a face da terra, “Tenebrae factae sunt”.

Foi como se um pesadelo e uma delirante alucinação tivesse, inesperadamente, dilacerado nas suas garras de loucura o coração de milhões de homens. “Tenebrae factae sunt”.

Eram aquelas horas mansas e preguiçosas, quando a tarde escorre, plácida, para os braços do crepúsculo, velho e cansado porteiro da noite. Mas, aquele dia, a noite se antecipou. Ia descer, primeiro sobre os corações. Depois, sobre o mundo.

Na hora sexta, “tenebrae factae sunt”. A noite com o seu mistério, a noite a com os seus fantasmas, a noite com o seu pavor, a noite com a sua mentira, a noite com as suas armadilhas sagazes e as suas emboscadas traiçoeiras, a noite com os seus laços bem urdidos e os seus venenos sutis, com os seus gritos, solitários e os seus uivos lancinantes, a noite que gela o coração e acoberta o crime, a noite que atrai vítima desprevenida o empresta à morte o seu regaço de sombra para a solerte tocaia – aquele dia, a noite chegou inesperada, trazendo no seu bojo a gargalhada sinistra que, num átimo – num átimo quase eterno, num átimo que fixou o tempo e estancou o fluxo da História – ecoou pelos quatro cantos do mundo, como que desafiando a mais tenaz capacidade de crer, zombando da mais desesperada esperança e deixando escorrer a baba envenenada do ódio inimaginável, do ódio que se julgara proscrito, para sempre, da conveniência humana.

Com os olhos vendados pela súbita escuridão e velados pelas primeiras lágrimas que nenhuma força humana consegue reter, homens e mulheres de todas as raças e de todas as crenças tentaram agarrar-se a alguma coisa que lhes permitisse não crer, que desmentisse as palavras sinistras que, aquela hora, já se atropelavam nas asas das ondas velozes por sobre montanhas e mares, cidades e vales, até a última fronteira do mundo. Mas, ai de nós, a verdade temida, a verdade terrível, a verdade jamais



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

presentida, era, desgraçadamente, a verdade verdadeira.

A milhares de quilômetros, numa cidade embandeirada em festa, entre flores e aclamações, entre os gritos dos peões na padaria sem fim, ao cheiro acre do petróleo brotando aos borbotões do solo esturricado, alguém fechara a derradeira porta à compreensão e à fraternidade, e uma janela se abria ao ódio assassino, covarde e desvairado. Sobre ela a morte se debruçara paciente e tranqüila, fria e calculada. Como quem sabe que a presa não lhe fugirá. Como quem não tem pressa, porque conhece a sua hora. Como o caçador previdente a quem o instinto não engana e sabe que a flecha da sua aljava é ligeira e é certo seu olho experimentado. Como o encenador que prepara a tragédia para que o herói caia, entre o céu e a terra, ao som das tubas gloriosas, ao rufar de místicos tambores ante o espanto da multidão colhida de surpresa e as vozes do coro que justifica, soturno, a catástrofe.

Foi assim que alguns estampidos ecoaram na hora do triunfo, no instante do mais belo sorriso, quando a árvore jovem era mais forte do que nunca, quando deitava sólidas raízes no chão de um mundo áspero e agressivo, quando os primeiros frutos da luta tenaz e da teimosa esperança apenas amadureciam para a fartura dos vazios celeiros e para a expectativas das alegres colheitas. Estampidos naquela hora de glória, espoucando no céu claro do outono, seriam sempre os rojões da alegria, soltados pelas mãos escuras de algum negro agradecido, nunca o rumor das balas assassinas partidas da janela do ódio, das mãos de um jovem cevado no ódio e educado para o ódio; que, podendo renegar a sua pátria, como desejou, concebeu o plano sinistro de privá-la de quem dedicara a vida a restituir ao mundo, no plano temporal, o amor banido e a fraternidade perdida.

Lá em cima, uma janela se esvaziava, uma sombra se perdia na multidão um rosto e uma mão chamuscados eram apenas duas manchas de pólvora numa pagina virada da história dos homens. Lá em baixo, uma fronte jovem se curvava para sempre, repousando sobre os joelhos da esposa jovem e bela, com uma grinalda vermelha a envolver-lhe os densos e revoltos cabelos negros. A grinalda da sua vitória, a coroa da sua luta, apaga da sua esperança, o prêmio da sua vida. “Só o que corre no estádio recebe o prêmio”, disse alguém que entendia disso – Paulo, Apóstolo. Lá em cima, a mansarda vazia, uma arma escondida entre livros, restos de uma refeição feita com sossego e sem temores de olhos indiscretos.

Lá em baixo, um mundo vazio, um corpo exânime e os restos de uma vida que não



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

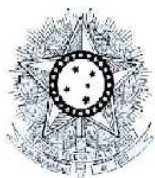
temeu os olhos dos homens, nem a ira dos insensatos, nem os esgares do ódio cego e fratricida. Lá em cima e lá em baixo, dois jovens, dois mundos – o mundo do desespero, que o ódio engendra e constrói e o fundo da esperança, que só o amor é capaz de plasmar com os pobres materiais que a condição humana oferece, numa visão que ultrapassa o tempo e tira a sua força dos valores eternos. Uma janela se fechou para o mundo, uma porta se abriu para a eternidade. Uma rua de Dallas, manchada de sangue quente como o perdão rubro, como as flores do martírio, é a nova fronteira entre o amor que redime e o ódio que esteriliza e mata, entre a liberdade que é capaz de dar a vida para que outros a tenham e a opressão que a estanca nas mais recônditas fontes do espírito, antes mesmo de destruí-la na pobre e frágil argila do corpo humano.

Foi dessa rua que ficará, quem sabe como um marco redentor na história do século trágico que partiu para o mundo a terrível notícia. John Fitzgerald Kennedy, o jovem; John Fitzgerald Kennedy, o herói de guerra; John Fitzgerald Kennedy, o cidadão do mundo; John Fitzgerald Kennedy, o paciente artesão da paz, entre os homens; John Fitzgerald Kennedy, o marinheiro dos celestes oceanos; John Fitzgerald Kennedy, que reintegrou na casa grande de seu povo os irmãos enfeitados da raça escura como a noite; John Fitzgerald Kennedy, o menino grande que tinha nas mãos as sortes da humanidade; John Fitzgerald Kennedy, o que acreditava e, por isso, amou, e por isso esperava; John Fitzgerald Kennedy, o 35º Presidente dos Estados Unidos da América; John Fitzgerald Kennedy, o pai de dois pequenos anjos que lhe iluminavam os poucos instantes em que lhe era dado dedicar-se a si e aos seus; John Fitzgerald Kennedy, já não existe.

Oh! A fragilidade dos homens, a vacuidade do poder, a inanidade da glória!

Uns poucos centímetros de metal, o ódio longamente semeado e transformado em sistema de vida bastam para que uma existência se interrompa e sejam sacudidos os alicerces da história.

Mas, jovem caído em plena caminhada, o soldado prostrado em pleno fragor da áspera batalha, o menino irlandês predestinado para ter nas mãos as sortes do mundo no século dos deslumbramentos da ciência e da técnica sabia de cor as palavras que, ontem, ressoaram sob as abóbadas da Catedral de São Mateus: “vita mutatur, non tollitur”. A morte não é um fim, é, apenas uma mudança; não é um termo, é apenas uma transfiguração. Dos mártires caídos sob o fio da espada, pregados à cruz infamante, assados nas grelhas ardentes, ou triturados, pelos dentes das feras, diz a Liturgia antiga:



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

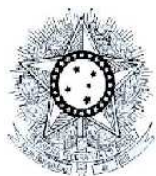
“Visi sunt oculis insipientium mori; illi sitem sunt in pace”. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido; eles, porém, estão em paz. Seu sangue tinha fecundidade de vida e era semente semeada por mãos inesperadas.

Ele está em paz, - o menino grande que o mundo amava e cuja partida chorará por longo tempo. Partiu cedo, mas redimiu o seu tempo. Viveu em plenitude essa curta vida. Dele se conhecem gestos de grandeza e de heroísmo. Não se conhece um só gesto de mediocridade.

Na Universidade, onde forjou seu espírito e o enriqueceu de idéias; na Marinha, onde lutou pela liberdade; no Parlamento, onde se inaugurou a vida pública e onde se credenciou para a magistratura mais alta; na Presidência, onde recebeu um legado que parecia ímpar aos seus jovens anos, John Kennedy foi sempre o primeiro na luta, na tenacidade, no risco, e o último no repouso sobre os êxitos colhidos.

Nascido num berço de ouro, viu o irmão mais velho, piloto voluntário da Força Aérea desaparecer nos céus com as dez toneladas do explosivo, de seu avião. Ele mesmo, voluntário da Marinha foi pouco depois guindado à posição de comando de seu pequeno barco, que um destróier inimigo poria a pique ao largo das Ilhas Salomão. Não abandonou um só de seus homens, nadando, ferido uma noite inteira, conduzindo-os a salvo. Carregou para sempre as marcas da ferida que o colocou, pela primeira vez, face a face, com a morte. Mais tarde, já Senador pelo seu Estado natal, a enfermidade recrudescer e o rapagão forte teve de recorrer a muletas para caminhar. Mas a doença não o abateu. “Prefiro morrer – disse aos médicos que lhe comunicavam as poucas esperanças de êxito para a operação a que devia submeter-se – prefiro morrer a te de caminhar de muletas” . As muletas não eram o seu forte. Não nascera para elas, nem elas existiam para ele. A longa convalescença levou-o ao estudo da vida dos grandes homens de seu país e daí nasceu um livro a que não faltou sequer a láurea de um famoso prêmio literário e a que não faltará – espero – o capítulo derradeiro que retrate, para as gerações o “perfil de coragem do seu próprio autor”.

Para o moço de espinha ferida não era fácil carregar sobre os ombros o peso do mundo. Mas, porque tentar a história destes anos de Kennedy na Presidência do seu país, e o luto universal que toldou as esperanças da humanidade na sexta-feira trágica é o melhor atestado de que na guerra, na doença, nas lutas do Parlamento e na cadeira de Lincoln e de Roosevelt, John Kennedy não provou jamais o gosto da mediocridade? Venceu o preconceito da religião, venceu o preconceito da raça, venceu o preconceito da



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

mocidade.

“Hoje, o mundo é muito diferente. Porque o homem retém em suas mãos mortais o poder de abolir toda forma de vida humana” . Quem disse isso foi um jovem de 43 anos, no seu discurso de posse na Presidência da República. “Raras vezes a beleza da forma, num discurso de circunstância, foi tão despida de ornamentos para servir a verdades tão puras que parecem nascidas para o mármore das mais nobres inscrições”. (Carlos Lacerda, prefácio à *Estratégia da Paz*, Jonh F. Kennedy, Difusão Pan-Americana do Livro, 1961).

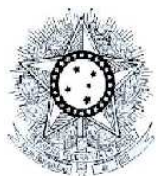
Era a nova geração que tomava nas mãos a direção de um mundo que desembocava na era atômica e no ciclo das conquistas espaciais em ter posto em ordem ainda o quintal de suas casas. “Que deste momento e deste lugar chegue aos amigos e aos inimigos a notícia de que a tocha foi passada a uma nova geração de norte-americanos, nascidos neste século, temperados pela guerra, disciplinados por uma paz fria e amarga, orgulhosos de nossa antiga herança e não dispostos a testemunhar a lenta destruição dos direitos humanos com que esta nação esteve sempre comprometida e com os quais estamos hoje comprometidos”.

“Que saiba toda a nação, quer nos queira bem ou nos deseje o mal pagaremos qualquer preço, suportaremos qualquer encargo, suportaremos qualquer dificuldade, apoiaremos qualquer amigo e nos oporemos a qualquer inimigo, a fim de assegurar a sobrevivência e o êxito da liberdade”.

O preço mais alto, o preço que não tem preço, foi pago, sexta-feira, em Dallas, no Texas, por si e pelo mundo.

“Aos que vivem em choças e aldeias, em metade do globo, lutando por romper as cadeias da miséria, prometemos nossos melhores esforços para ajudá-los a se ajudarem, durante o tempo que for necessário, não porque os comunistas o estão fazendo, não porque queremos os seus votos, mas porque é justo. Se a sociedade livre não puder ajudar os muitos que não são pobres, não poderá jamais salvar os poucos que são ricos.

“Às Repúblicas irmãs ao sul de nossas fronteiras fazemos uma promessa especial – de transformar nossas boas palavras em atos bons numa nova aliança para o progresso de ajudar os homens e governos livres a se libertarem das cadeias da miséria. Entretanto, esta pacífica revolução da esperança não se pode tornar uma presa de potências hostis. Que saibam todos os nossos vizinhos que nos uniremos a eles na oposição à agressão e à subversão, em qualquer parte das Américas. E que saiba toda



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

outra potência que este hemisfério pretende continuar dono de sua própria casa”.

“Unamo-nos para invocar as maravilhas da ciência, em vez de seus terrores. Exploremos juntos as estrelas, conquistemos os desertos, erradiquemos as enfermidades, toquemos as profundezas do oceano e estimulemos as artes e o comércio. Unamo-nos para escutar em todos os recantos da terra o mandado de Isaias: “Desfazei os pesados fardos da opressão e deixar livres os oprimidos”.

E, quase, numa estranha profecia: “Em vossas mãos, meus concidadãos, mais do que nas minhas, estará o êxito ou o fracasso da nossa senda. Desde que este país foi fundado, cada geração foi chamada a dar testemunho de sua lealdade nacional. O túmulo de jovens norte-americanos que atenderam a este chamamento pontilham o globo”.

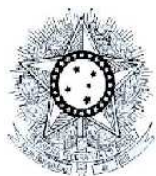
A partir de ontem, o seu túmulo, entre os heróis de Arlington, diz que ele não se enganara.

“Concidadãos do mundo: não pergunteis o que os Estados Unidos podem fazer por vós e, sim, o que podeis fazer juntos pela liberdade do homem”.

“Com uma consciência tranqüila como única recompensa, com a História como juiz final de nossos atos, marchemos avante para guiar a terra que amamos, implorando a bênção e a ajuda de Deus, porém sabendo que aqui na Terra o trabalho de Deus deve ser, na realidade, o nosso próprio trabalho”.

Esse discurso inaugural de que acabo de ler trechos colhidos, aqui e ali, vale como um testamento, a que deverão ser juntadas, como codicilo, as palavras derradeiras, que deviam ter sido pronunciadas em Dallas: “Nós, neste país, nesta geração, somos, escolha, as sentinelas das muralhas da liberdade mundial... Porque como foi escrito, há muito tempo “a não ser que o Senhor monte guarda a cidade, em vão vigiarão as sentinelas”.

Quando a Câmara presta, reverente, o tributo da sua dor pela perda que o mundo acaba de sofrer, não é certamente a hora para recolher os admiráveis pensamentos desse jovem que pôs, corajosamente, as idéias a serviço da ação, num mundo em que pseudo-ideologias estão apenas a serviço da subversão. Seus discursos e pronunciamentos ficarão, como os de Lincoln, como os de Jefferson, como os de Churchill, como os de Rui, transformados num roteiro de liberdade válidos para todos os tempos e para todas as gentes. Sobre eles se curvarão os responsáveis pelas sortes do mundo. Sobre eles se debruçará a juventude que foi feita para o amor e para as nobres, difíceis e ousadas empresas, como as que ele ousou, amou e levou a cabo, e não para o



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

ódio homicida e, para as inúteis carnificinas.

Fique assinalado, nesta hora, o nosso pesar mais sentido. Seja manifestada a nossa amargura mais profunda. Que Deus o tenha em paz e nos alimente do seu exemplo, para que não caiamos na tentação de descreer de qualquer esforço e para que não vejamos triunfante sobre seu túmulo a brutalidade da opressão, contra cujo domínio ele imolou, mais que a liberdade, uma vida que já era um patrimônio dos homens livres.

“Aos olhos dos insensatos, parece ter morrido. Ele, porém está em paz”.

Suas crianças não o tiveram ontem, não o terão amanhã, não o terão nunca mais, para ajudá-las a apagar as pequeninas velas do pequeno bolo dourado da vida.

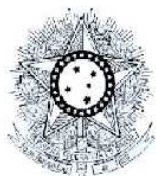
Foram vê-lo sob a cúpula do Capitólio, a fronte coroada de uma estranha grinalda vermelha. As crianças, menos do que ninguém, entendem a morte. Estão próximas demais das eternas fontes da vida. Devem ter pensado numa curiosa festa em havia soldados e bandeiras e multidões que soluçavam, quase sem fazer ruído o “Daddy, the President”, imóvel, na glória de seu poder. Que importa, se tanta gente chorava? As crianças entendem o choro, é seu companheiro constante. É a voz antiga da dor que, por sua vez, é a teimosa mensageira da morte.

Mas, se elas soubessem alguma coisa das Sagradas Escrituras, teriam dito ao mundo, do alto do Capitólio, com a voz que Deus empresta aos inocentes: “Aos olhos dos insensatos, parece ter morrido: ele porém, está em paz”.

Ele está em paz. Sua vida recomeça. Sua voz não se apagará, não envelhecerá, não perderá o timbre argentino e o nobre sotaque da velha cidade natal. Do asfalto, manchado de sangue, em Dallas, no Texas, ele partiu para a História, como os jovens heróis que, um dia, Homero cantou em ritmo imorredouros. Às margens do Potomac, à sombra das cerejeiras em flor, um novo símbolo para a humanidade vai sentar-se ao lado de Lincoln, repetindo as mesmas palavras, que o amor de Cristo ensinou os homens, e que continuam, pelos séculos, inspiradoras de todas as conquistas humanas de todos os sacrifícios, até mesmo o da própria vida.

Enquanto houver homens como eles, a liberdade não perecerá sobre a face da terra, pois ela não pede apenas líderes, exige também mártires.

Mas, antes que a glória dos mármores olímpicos, como na Grécia antiga, o imobilize nas formas hieráticas dos deuses e dos heróis prefiro, já que está tão próximo o Natal, vê-lo, ao nosso menino, caído nas calçadas de Dallas, sozinho e exânime, como o mais pobre menino do mundo. É rico e não terá nenhum presente este ano. É poderoso e



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

não há ninguém que consiga reanimá-lo. Deu-se de presente a si mesmo. Emprestou-nos a sua força para sustentar-nos na luta que não tem quartel. Lá se foi o nosso menino com a cabeça aureolada por uma linda grinalda vermelha. Como um pássaro ferido, de asas partidas. Como naquela noite de pavor do Pacífico. Só que agora não haverá mais terra firme. Ele se foi para sempre. Sem sequer, dizer-nos adeus. Foi remando pelo oceano das águas eternas, onde a liberdade se funde no amor que não tem fim.

Mas partiu contente consigo mesmo. É o que serve. Nós o choramos, como se todos fossemos um pouco seus pais. Como se todos fossemos um pouco seus irmãos. Deus o guarde por nós, que não o sabemos guardar. Ele está em paz.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, esta é a homenagem de respeito e de saudade que a Minoria, nesta Casa, presta, pelas minhas pobres palavras à memória de Jonh Fitzgerald Kennedy, 35º Presidente dos Estados Unidos da América, desaparecido, tragicamente, para a dor dos que o amaram e para a esperança dos que confiaram às suas mãos jovens as sortes da sua paz e o destino da sua liberdade. (Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas. O orador é vivamente cumprimentado).